

REPRESENTAÇÕES SOBRE MARGARET THATCHER NA REVISTA *VEJA* (1979 - 1983)

Eduardo Pintarelli*
Leonardo Brandão**

RESUMO: Analisa-se a representação da primeira ministra do Reino Unido, Margareth Thatcher, produzida pela revista *Veja*. Margareth Thatcher é apontada pela Historiografia Contemporânea como uma das primeiras governantes a implementar o conjunto de políticas econômicas denominado neoliberalismo. Desta forma visa-se abordar o modo como a revista *Veja* noticiou, comunicou, apresentou um governo neoliberal ao seu público brasileiro em suas representações da primeira ministra inglesa. Em se tratando de uma pesquisa em periódicos, é analisado um conjunto de diferentes perspectivas de representação, todas atreladas a uma mesma personagem histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo; Revista *Veja*; Margareth Thatcher.

REPRESENTATIONS ON MARGARET THATCHER IN THE MAGAZINE *VEJA* (1979 - 1983)

ABSTRACT: The representation of former UK prime-minister, Margareth Thatcher, provided by the Brazilian magazine *Veja* is analyzed. Current Historiography has insisted that Margareth Thatcher has been one of the first prime-ministers who implemented a set of economic policies called Neoliberalism. Current paper deals with the manner the magazine *Veja* provided news and presented a new liberal government to the Brazilian public in its representations of the British prime-minister. Since research has been done from a magazine, different perspectives of representation linked to the historical figure are provided.

KEY WORDS: Neoliberalism; *Veja*; Margareth Thatcher.

* Graduando em História pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Programa de Iniciação Científica FUMDES, Blumenau (SC), Brasil. E-mail: eduardo.pintarelli.1@gmail.com

** Pós-doc. em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGIEL/UFMG). Doutor em História, com bolsa CNPq, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professor na Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau (SC), Brasil. E-mail: brandaoleonardo@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O mundo globalizado está vivendo um momento histórico de avanço do neoliberalismo, que é um sistema econômico consolidado a partir do enfraquecimento da Guerra Fria (1947-1991). Contudo, apesar de se tratar de uma nova ordem econômica mundial, o neoliberalismo possui forte conotação política. É esta conotação um dos aspectos aqui abordados. Foi gestada nos governos de Margareth Thatcher (Inglaterra, 1979–1990) e Ronald Reagan (EUA, 1981–1989) uma *política neoliberal*, na qual estes governos passaram a desinstalar as políticas públicas do *Estado de bem-estar social*, que estavam em vigência desde o fim da Segunda Guerra Mundial e a produzir uma série de legislações, privatizações e até mesmo medidas repressivas que visavam fornecer uma estrutura para a melhor adequação do neoliberalismo.

No momento histórico em que se dilui o *Estado de bem-estar social* em boa parte da Europa e Estados Unidos, e os governos passam a adotar *políticas neoliberais*. Neste momento histórico, o Brasil está deixando a Ditadura Militar (1969-1985) e iniciando seu longo processo de redemocratização. A mídia teve seu papel específico neste processo. Os periódicos, canais de TV, rádio e jornais trouxeram uma versão do que se passava no país e no restante do mundo para diversos setores da sociedade.

A revista *Veja*, fonte deste estudo, é lançada pela editora Abril em 1968. Trata-se de um periódico pretensamente internacional. Desde a campanha de Thatcher, *Veja* noticiou frequentemente notícias, artigos e manchetes sobre o que se passava na Inglaterra de então. Nesta pesquisa, busca-se compreender de que forma este periódico apresentou esta governante à sociedade brasileira, e também a ideologia política que ela mais representava: o neoliberalismo.

Para tal, foi realizada a análise das edições de *Veja* que datam do início do ano de 1979, ano da campanha, eleição e início do governo de Thatcher, até o final do ano de 1983, ano da segunda campanha e primeira reeleição de Thatcher para o governo da Inglaterra. Foi analisado um total de 106 edições da revista, nas quais o nome “Thatcher” era citado pelo menos uma vez.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Com o intuito de examinar as estratégias de discurso que se construíram em torno do neoliberalismo no Brasil no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, foi

definido como critério a análise de todas as representações de Thatcher pela revista *Veja* durante o seu primeiro mandato para o governo do Reino Unido (abril de 1979 a junho de 1983). Para tanto, foram analisadas todas as edições da revista *Veja* que citam o nome da primeira ministra do Reino Unido, Margareth Thatcher, entre janeiro de 1979 e dezembro de 1983, totalizando 106 edições analisadas, nas quais Thatcher figura em pelo menos 190 notícias, matérias, manchetes ou outros gêneros literários que compõem o conjunto de textos de uma revista.

A escolha da representação de Margareth Thatcher se deu por ela ser uma das personagens políticas pioneiras na campanha de desmonte do estado de bem-estar social na Europa, mudando o discurso e as estratégias do Partido Conservador na Inglaterra para uma campanha de diminuição do aparato estatal, combate ao trabalho e liberação do controle da economia para o mercado, que consistiu, com o seu governo, em uma primeira emergência histórica do neoliberalismo. Já a escolha da revista *Veja* se dá por sua grande popularidade e influência entre as classes médias brasileiras no recorte temporal da pesquisa. *Veja* é um periódico que traduz boa parte do discurso político e econômico que chegava para esta população e era em grande parte assumido por ela, sendo constituída como fonte histórica para várias pesquisas acerca do neoliberalismo e ainda outros objetos de pesquisa no Brasil.

Segundo a historiadora Carla Pinsky (2005, p. 111), a pesquisa histórica em periódicos se dá por meio da imprensa. “As renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder.” É isto que acontece com a revista *Veja* em relação à Margareth Thatcher. Mesmo em se tratando de um outro país, a revista dedica muitas matérias em muitas edições, em algumas épocas mais intensamente e em outras menos, para detalhar as suas ações no governo, pois esta seria um exemplo ideal de governante para o Brasil da época: ao mesmo tempo conservadora e neoliberal.

Para tanto, o historiador deve ainda estar atento aos não ditos, às armadilhas e também aos contextos de censura e jogos de poder que envolvem e permeiam o campo das publicações da imprensa. O historiador tem a tarefa de identificar o discurso sobre o acontecimento, bem como o acontecimento em si. Para isto, ele dispõe de ferramentas como a análise do discurso, além do cruzamento de fontes. Desta forma, a análise de conjuntura do recorte temporal e geográfico é um instrumento indispensável na pesquisa em periódicos.

3 DISCUSSÃO

O século XX presenciou a maior aceleração tecnológica vivida pela humanidade. Especialmente após a Segunda Guerra Mundial, impulsionada pela rivalidade entre os grandes blocos de países oponentes: o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o bloco socialista, liderado pela União Soviética (URSS). Da mesma forma que o mundo viu nascer um novo cenário tecnológico, também viu nascer um novo cenário econômico.

Os governos dos países capitalistas desenvolvidos, preocupados e atentos aos movimentos sindicais e trabalhistas que se organizavam em seus países, desenvolveram a denominada política do *Estado de Bem-Estar Social*, que consistia em uma série de garantias dadas aos trabalhadores para evitar que eles aderissem à revolução socialista que havia sido vitoriosa no leste europeu no início do século XX. O estado de bem-estar social foi bem-sucedido neste aspecto, pois conciliou os sindicatos aos patrões e aos governos, e elevou, na sua medida, a qualidade de vida dos trabalhadores (PADRÓS, 2000).

Contudo, com o enfraquecimento do bloco soviético e da “utopia” do socialismo, as políticas de bem-estar social vão gradualmente deixando de existir. Embora a Guerra Fria só irá terminar definitivamente com a extinção da União Soviética em 1991 (HOBSBAWM, 1995), as políticas neoliberais começaram a se instalar nos países capitalistas desenvolvidos desde meados da década de 1970, impulsionadas pela crise do petróleo.

3.1 UM SISTEMA PARA O MUNDO GLOBALIZADO

Segundo o historiador Nicolau Sevchenko (2001), a globalização foi um fenômeno que revolucionou a esfera econômica, pois com os novos meios de comunicação eletrônicos, o dinheiro passou da esfera material para a virtual, ou seja, a partir da década de 1970 quem controlava o mercado mundial passou a ser o setor especulativo. Neste novo jogo de forças, o neoliberalismo passou escapar, em parte, do controle dos Estados.

Contrariando a política do *Estado de Bem-Estar Social*, os países capitalistas desenvolvidos começaram a diminuir suas máquinas estatais, retirar direitos civis

da população, empreendendo campanhas de privatizações dos bens públicos, em um “jogo desigual, cuja dinâmica só tendia a multiplicar desemprego, destituição, desigualdade e injustiça” (SEVCENKO, 2001, p. 28).

3.2 NEOLIBERALISMO: UMA *POLÍTICA ECONÔMICA*

Neste novo contexto histórico marcado pela ascensão do neoliberalismo, “a soberania do Estado com relação aos movimentos de mercadorias e de capital é entregue de bom grado ao mercado global” (HARVEY, 2008, p. 76). Isto constituiu uma ameaça às próprias democracias modernas, uma vez que

[...] para defender-se de seus maiores temores - o fascismo, o comunismo, o socialismo, o populismo autoritário e mesmo o regime da maioria - os neoliberais têm de impor fortes limites à governança democrática, apoiando-se em vez disso em instituições não-democráticas e que não prestam contas a ninguém (como o Banco Central norte-americano e o FMI) para tomar as decisões essenciais (HARVEY, 2008, p. 80).

Desta forma o Estado neoliberal é forçado a intervir, por vezes repressivamente, em movimentos sociais e organizações da sociedade civil, negando assim as próprias liberdades de que se supõe ser o garantidor. Esta política neoliberal pode ser observada nas ações coercitivas do governo Thatcher na Inglaterra. Mesmo assim, ao Estado está reservado um papel coadjuvante na prática neoliberal: quando o sistema financeiro quebra o Estado deve entrar em ação para resgatar empresas ou evitar fracassos financeiros maiores.

Em suma, o que o neoliberalismo tanto evita em termos de autoritarismo por parte do Estado, se transporta, com a ajuda do Estado neoliberal, para o mercado, configurando uma sociedade globalizada e marcada pelo autoritarismo de mercado. Este é o panorama histórico mundial que se instalará a partir de Europa ocidental e Estados Unidos no fim da década de 1970 e início da década de 1980.

3.3 A REVISTA *VEJA* E O THATCHERISMO

A revista *Veja* foi publicada pela primeira vez pela editora Abril no ano de 1968. Nos seus anos iniciais, não tinha um caráter político tão fortemente marcado,

sendo inclusive redigida por profissionais ditos “de esquerda”. Aos poucos, o periódico semanal foi ganhando público, e após seis anos no mercado obteve seus primeiros sucessos de vendas. Quando da ascensão política de Thatcher, *Veja* já era este “sucesso” no Brasil. Desta forma, a revista *Veja* é constituída em muitas pesquisas no campo da História do Tempo Presente como uma fonte. Outras pesquisas historiográficas já apontaram certos direcionamentos e objetivos políticos da revista *Veja* como, por exemplo, o seu incentivo e apoio ao candidato Fernando Collor de Mello à presidência da República, no ano de 1989.

Embora o feminismo nunca tenha feito parte da pauta do Partido Conservador nem da ação política de Thatcher, antes de chegar a ser a *primeira* ministra, ela foi a primeira de algumas coisas. Thatcher já era deputada desde 1959. Ela foi a primeira mulher a ser secretária de Estado da Educação e Ciência em 1970, líder do Partido Conservador e líder da Oposição, em 1975, entre outras funções menores na política inglesa nas quais ela também foi a pioneira representante de seu gênero.

Quando a revista *Veja*, em janeiro de 1979, noticiava a derrocada do governo de James Callaghan, ela menciona um “confronto do governo trabalhista com sua própria base e razão de ser – o movimento sindical da Inglaterra”. Isso se dá a partir de uma série de greves, aumento da inflação, e falta de alternativas por parte do então governo. Segundo a revista, o problema que estava desencadeando toda a crise na Inglaterra era o abuso por parte dos sindicatos, que exigiam salários cada vez mais altos aos patrões.

A greve dos mineiros de 1974 já havia levado ao fim do governo de Edward Heath, primeiro ministro conservador, do qual Thatcher era secretária da Educação e Ciência. Contudo, a ascensão de um governo trabalhista não solucionou a crise, apenas tornou-a mais crítica, uma vez que, por vezes, o governo tinha de ser contraditório com os próprios princípios e projetos políticos para manter a ordem e exercer as funções do Estado. Em 04 de abril de 1979, *Veja* anunciou que o mandato do primeiro ministro Callaghan seria abreviado. Isto se daria pelo fato de o Parlamento ter votado a perda da moção de confiança, que permite a abreviação do mandato do primeiro ministro. Estavam assim convocadas novas eleições gerais no Reino Unido.

O cenário era de desilusão política. Os conservadores haviam fracassado em 1974, e agora fracassavam os trabalhistas, em 1979. Nenhum dos partidos (os 02 maiores do país) tinha um projeto consistente para retirar o Reino Unido da crise.

Havia, contudo, a tradição de alternância entre eles no poder. Sendo assim, já havia certa expectativa pela vitória do Partido Conservador naquele ano.

Em um dos artigos de opinião publicados em *Veja*, na Edição 605 do ano de 1980, o autor, José Thomaz Nabuco, advogado, aponta que a vitória de Thatcher e dos Conservadores na Inglaterra se deu pelo abuso das greves dos trabalhadores da indústria, que não recebeu a simpatia da população.

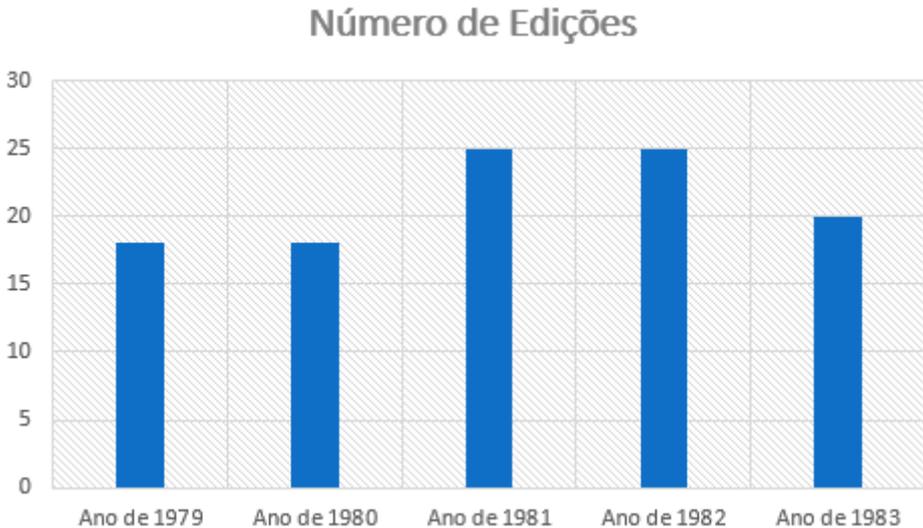
Para além da Ilha da Inglaterra, havia a delicada questão da Irlanda do Norte. O IRA estava em plena atividade. No contexto da convocação das eleições gerais de 1979 pelo parlamento, o grupo paramilitar deu sua resposta: matou o candidato a ministro da Irlanda do Norte em um atentado terrorista. *Veja* assim apresenta os “terroristas irlandeses”, que também são objeto dos debates políticos do Reino Unido nas décadas de 1970 e 1980. O periódico aponta a necessidade de uma resposta mais firme por parte do governo do Reino Unido.

A relação com os guerrilheiros do IRA acabou se tornando um dos maiores dramas do governo Thatcher. Em dezembro de 1980, a situação se torna mais complexa. Membros do IRA que estavam presos na penitenciária de Maze iniciaram uma greve de fome para pressionar o governo a conferir-lhes o status de “presos políticos”. Os primeiros grevistas começaram a entrar em estado de saúde crítico, e Thatcher se manteve, desde o início, irredutível em fornecer a conferência do status requerido. Segundo a edição 641 de 1980, o governo não fez concessões com os assassinos. Há grevistas de fome que estão prestes a morrer porque há uma lei que proíbe a alimentação forçada, e o IRA ameaçou uma retribuição à Inglaterra caso ocorresse o falecimento de algum deles.

Na edição 693 de 1981 a revista fez uma comparação entre as ações dos governos da União Soviética e da Inglaterra diante de uma questão diplomática. Neste movimento, o texto em questão conclui que Thatcher era mais firme e irredutível que os líderes soviéticos, longe de pretender afirmar que estes não sejam ditadores implacáveis.

Quanto ao número de citação de Margaret Thatcher pela revista, percebem-se alguns enfoques: de início, pode-se dizer que a revista retratava “menos” a governanta. Contudo, o enfoque na personagem aumentou ao longo dos anos de 1981 e 1982, com as pressões relativas à Irlanda do Norte (greves e ataques, problemas

relacionados ao IRA...) em 1981 e a Guerra das Malvinas, em 1982. Pode-se observar no gráfico a seguir:



Neste gráfico está representada, na linha vertical, a quantidade de edições que citaram Margareth Thatcher ao menos uma vez. Na linha horizontal, estão representados os anos de publicação destas edições. São 18 edições nos anos de 1979 e 1980, 25 nos anos de 1981 e 1982 e 19 no ano de 1983.

3.4 A REVISTA *VEJA* E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE MARGARETH THATCHER

Do ponto de vista da economia, já em fevereiro de 1979, a revista *Veja* entrevista o ex-sindicalista Paul Jhonson, que se diz um “ex-esquerdista”, para que ele responda à pergunta: “O trabalhismo é viável?”. Ele afirma que o governo de então (trabalhista) não poderia tirar o país das dificuldades encontradas pois havia perdida todo a sua moral. Rejeita a imagem de Callaghan e aponta Thatcher como única personagem capaz de receber apreço popular. Ele diz que Thatcher tem o apoio da opinião pública, pois o povo perdeu o medo de votar em conservadores, e isso porque estava tão enfurecido com os sindicatos que apoiaria um plebiscito contra eles, proposto por Thatcher.

O historiador Thiago Romão de Alencar descreve este ataque promovido por Thatcher aos sindicatos, que por sua vez também é assumido por *Veja*. Para ele, apesar do aumento contingencial do desemprego em seu governo (no primeiro mandato – 1979-1983) Thatcher foi ainda reeleita duas vezes com um número de votos cada vez maior e com o Parlamento cada vez mais formado em maioria absoluta por membros do seu partido. Ao logo de seu governo, ela tomou os sindicatos como bode expiatório dos problemas do país, com um discurso de criminalização, marginalização. Os sindicatos passaram a representar uma “ameaça à estabilidade política e econômica.”

De início, a emergência da imagem de Thatcher na revista não é algo tão definido. Há um discurso que evidencia a urgência de uma política moralmente conservadora e antissindical. Pode-se, desta forma, afirmar que havia um *inimigo comum*. Mas a personagem Thatcher é apresentada já nas primeiras edições como “liderança ainda não testada”. Há em torno da imagem de Thatcher, tanto durante a campanha quanto nos seus primeiros meses de governo, um instigante ar de dúvida sobre a sua capacidade pessoal para assumir o governo.

Ao iniciar sua campanha, Thatcher promete novos e drásticos incentivos à iniciativa privada e uma marcha à ré ao coletivismo, como ela disse, à “ditadura dos sindicatos”. Ela propõe ainda: corte no imposto de renda, redução de despesas públicas e privatizações de setores estatais e contenção da entrada de imigrantes. A revista, por sua vez, ao apresentá-la mais formalmente em tempos de campanha, faz um apanhado sobre sua vida, ressaltando os desafios por ela superados de maneira muito prática, trazendo os momentos de *mérito* na sua vida, como a concessão da bolsa de estudos para Oxford, a austeridade com que se manteve na família, e depois, longe de sua casa. Para além do discurso da meritocracia, há também a imagem de sua família harmônica, edificada sobre a sólida base de uma mulher *conservadora e austera*.

Na edição de 09/05/1979, *Veja* anuncia a vitória de Thatcher. A matéria reforça a ideia de Thatcher como a primeira mulher a governar o país desde Elisabeth I. Tendo a maioria parlamentar, os conservadores poderão mudar a estrutura do país. A matéria esmiúça o fato de que então o Estado inglês controlava 60% de tudo o que era produzido, e dava uma série das garantias à população. Thatcher disse que isso era o governo fazer tudo por todos, e que em seu governo ele iria apenas *cumprir*

seu papel. Isto configura uma revolução às avessas. Ela quer pôr em prática as teorias *laiser faire* num país onde os benefícios sociais consumiam mais da metade do PIB.

Na sua atuação política de enfrentamento ao IRA, será enaltecida a sua coragem. Ela vai presencialmente até a ilha, e reafirma a soberania britânica na província, após o assassinato do bisneto da rainha Vitória, Lord Mouthbatten, nos primeiros meses do seu governo. Ainda nestes primeiros meses, ela recebe a visita do presidente da China, que segundo *Veja*, a “cobre de elogios”.

Em setembro de 1979, *Veja* apresenta pela primeira vez o termo *Neoconservadorismo*. Assim como os conservadores da senhora Thatcher varreram os trabalhistas na Inglaterra e os de Joe Clark os liberais no Canadá, o Partido Conservador cresce na Noruega. Desta forma, se constata ainda o recuo da esquerda na Austrália, Nova Zelândia, França, Espanha e Itália. Desta forma, uma onda neoconservadora varre os principais países capitalistas desenvolvidos. No ano de 1980 foi eleito nos Estados Unidos o seu principal aliado: Ronald Reagan.

A edição 588 de 1979 trata com destaque a eficiência de Thatcher. Traz em evidência o término da guerra civil na Rodésia, a que a primeira ministra inglesa pôs fim entrando em acordo com os revolucionários. Ela concedeu ao país o nome de Zimbábwe, nome requerido pelos nacionalistas negros. Contudo, manteve o país no status de colônia britânica. Ela, escreve *Veja*, que era “menosprezada no início de seu governo, como incapaz de se conduzir politicamente”, conseguiu em poucos meses o que muitos governos não conseguiram em 14 anos.

No final do ano de 1979, o primeiro ano com Thatcher no governo, a revista faz uma retomada e uma análise do cenário político mundial da década. Ela descreve um cenário mundial decadente. No entanto, aponta uma esperança: se “sobressai apenas a figura forte uma mulher: Margaret Thatcher, eleita pelos ingleses em 1979 para sacudir o país e arrebatá-lo do seu declínio lento e gradual”. Deste modo, observa-se aqui, claramente, a postura de *Veja* quanto a essa governanta: uma esperança para a Inglaterra e um farol para o mundo!

A firmeza de Thatcher não foi retratada apenas em relação aos membros do IRA. Na edição 671 de 1981 noticiou que a primeira ministra, diante de uma onda de violência urbana que estava em curso, estava horrorizada com os motins dos operários. Para ela, tratava-se de um caso de polícia. Não estava reconhecendo o seu país. Afirmou que iria investir em aparato policial para conter as manifestações, inflamadas pelo atarrador desemprego no país. Mais adiante, a edição 672 de 1981 informa que apesar de Thatcher ter sido saudada com uma chuva de tomates e papel higiênico ao sair às ruas

após o motim, ela reabriu um antigo quartel para encarcerar os 1.700 presos durante estes dias.

O ano de 1983 significou um grande avanço na força política de Margareth Thatcher. Após a vitória da Inglaterra na Guerra das Malvinas, no final de 1982, Thatcher adentrou o ano de 1983 com grande aprovação popular. Ademais, as eleições gerais na Inglaterra estavam previstas para outubro de 1983. Neste ano, a primeira ministra foi acusada pelos árabes da Organização de Libertação da Palestina de ser arrogante, por não receber a delegação, em janeiro de 1983. A revista *Veja* passou a retratar a governante inglesa como uma pessoa extremamente firme, convicta e eficiente, após as recentes proezas de seu governo. Após a derrota dos argentinos, a primeira ministra foi até as Ilhas Malvinas. A coragem e ousadia de Thatcher são representadas em uma imagem na edição 750 de 1983, onde estava veiculada a notícia de que a primeira ministra inglesa viajou em um avião demasiadamente simples, adaptado, e ainda exigiu a retirada dos corpos dos soldados argentinos da ilha, sob ameaça de o próprio governo inglês criar um cemitério argentino na ilha. Além disso, a edição contém uma fotografada de Thatcher nas Ilhas observando uma mina que provavelmente continha uma bomba subterrânea.



Figura 1: Revista *Veja* retrata Margareth Thatcher conferindo as bombas inglesas instaladas nas Ilhas Malvinas, após a vitória dos ingleses. Edição 750, p. 33. Esta imagem se seguia da legenda: “Thatcher, conferindo sua vitória”.

Quando da sua reeleição, em 9 de junho de 1983, na edição 771 de 1983, um quadro especial é intitulado: “‘Maggie’ trabalha em casa, mas longe da cozinha”. Nele, há uma descrição do dia a dia de Thatcher, e de *sua piedosa devoção ao trabalho*, que é motivo de piadas até para seus filhos. Sua austeridade também foi abordada na edição 777 de 1983 quando a revista noticiou que pela primeira vez um socialista iria ocupar o cargo de primeiro ministro da Itália. Ele, por sua vez, deveria adotar um programa de austeridade semelhante ao de Thatcher.

3.5 MARGARETH THATCHER: UM ROSTO PARA O NEOLIBERALISMO

Veja trouxe uma entrevista na edição 589 de 1979 com o principal teórico do *novo liberalismo*, o economista Friedrich Hayek. Quando perguntado se haveria um governo que controlasse a inflação, ele diz que tem muita esperança em Thatcher. Ele acredita que a Inglaterra pode se tornar um exemplo para o mundo, sendo que ele próprio tornou-se mundialmente conhecido como um defensor da economia de mercado.

Quando do falecimento do presidente Tito, da Iugoslávia, o governo local de Zimbabwe enviou uma comitiva. A revista publicou uma denúncia feita pelos ex-guerrilheiros, opositoristas do governo naquele país. A comitiva de Zimbabwe viajou de primeira classe e custou uma fortuna aos cofres públicos do país. Já Thatcher viajou na classe turística com apenas dois assessores, e ficou indignada com os gastos da comitiva de Zimbabwe. Ela até ameaçou reconsiderar os planos de ajuda econômica para o país. Esta ideia, veiculada pela revista, é a *economia de custos*. Trata-se de uma estratégia de austeridade de gastos, uma política contra o esbanjamento (sendo o subtítulo da sessão onde se encontra esta notícia, justamente: “Esbanjamentos”).

A austeridade é prenunciada como uma virtude cardeal de Thatcher. E esta austeridade assume várias conotações. Quanto à inflação, por exemplo, *Veja* atribui, na edição 670 de 1981, a diminuição da inflação e o aumento previsto da produção para 1982 às *políticas monetárias austeras* de Reagan e Thatcher.

A edição 659 de 1981 retrata o problema racial na Inglaterra de Thatcher. Desde a campanha, a conservadora havia sustentando um discurso de medo em relação ao ingresso de populações provenientes de outras culturas no país. Desta forma, Thatcher propôs uma modificação no estatuto de nacionalidade, na qual seria necessário não apenas ter nascido no território, mas também ser filho de pais ingleses. Nisto percebe-se uma característica do neoliberalismo nascente, no qual os governos neoliberais, segundo o historiador Nicolau Sevcenko, “fortemente apoiados em tradições puritanas

exclusivistas e auto-centradas da cultura anglo-saxônica, deslocaram seus conteúdos doutrinários da esfera religiosa para a política.” (SEVCENKO, 2001, p. 37).

Veja, por vezes, assumiu uma postura moderadamente crítica em relação às ações do governo Thatcher. Na edição 669 de 1981, uma notícia comunicou que os programas transmitidos em português pela BBC para o Brasil e alguns outros países iriam sair do ar, por *corte de gastos* do governo. A revista, por sua vez, conclui que esta medida não representaria grande economia, apenas acrescentaria desempregados aos 11% dos trabalhadores ingleses, que assim já se encontravam. No ano seguinte, na edição 711, a revista comunica que a emissora britânica não mais iria cortar o horário brasileiro. Contudo, Thatcher conclamava os brasileiros a apoiarem a Inglaterra na Guerra das Malvinas.

A Guerra das Malvinas foi retratada pela revista *Veja* como o maior feito do governo Thatcher durante o seu primeiro mandato, e talvez ao longo de todos os mandatos. Durante a guerra, *Veja* a comparava ao primeiro ministro Winston Churchill. Na edição 713 de 1982, ano da guerra, se encontra uma charge que representa esta associação entre os dois chefes de governo:

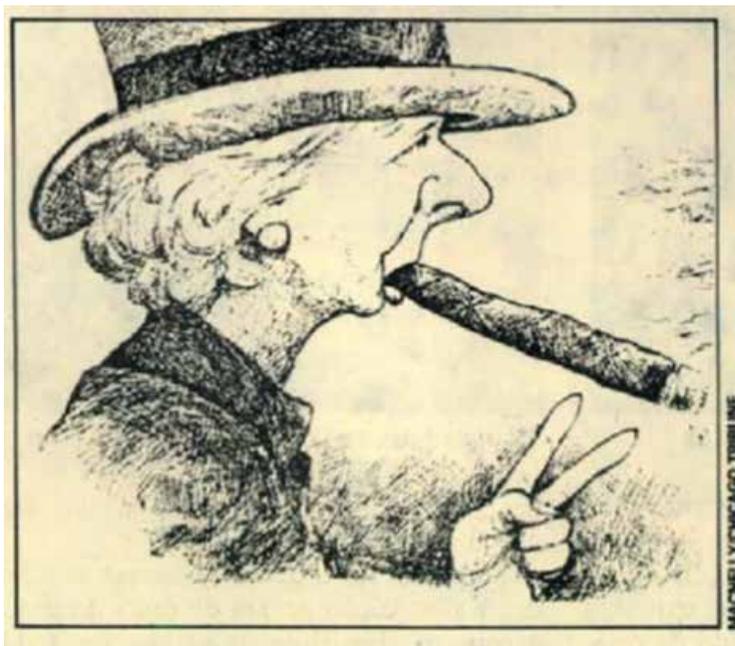


Figura 2: Revista *Veja* retrata Margareth Thatcher associada às características de Winston Churchill. Edição 713, p. 31.

Churchill havia liderado a Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, e se destacou internacionalmente pela boa condução do país durante a guerra, principalmente pelo seu enfrentamento ao nazismo. Uma de suas características pessoais era fumar charutos.

Fato é que havia um contraponto entre os dois. Embora ambos governaram pelo Partido Conservador, Churchill fora um grande defensor do Estado de bem-estar social e até mesmo da política de conciliação de classes. Estas eram exatamente as políticas públicas que estavam sendo desinstaladas do governo por Thatcher. O historiador Thiago Romão de Alencar afirma que “se Churchill afirmara durante a guerra que os sindicatos eram a joia da Coroa, a conjuntura de crise e ataque frontal aos direitos sindicais transformou os sindicatos no inimigo público número um”

O tom de crítica sobe um pouco na edição 695 de 1981, quando ao trazer um balanço sobre o desenvolvimento da Inglaterra ao longo daquele ano, informou que dos países industrializados, o que menos se desenvolveu foi a Inglaterra. Além de uma onda de desempregados, o governo Thatcher gerou os choques de rua mais selvagens desde a II Guerra. “Thatcher fez o IRA amargar a derrota de uma greve de fome pela obtenção do status de preso político.” Depois do insucesso da greve, os terroristas voltaram a atacar civis.

Contudo, apesar destes relapsos detalhes que a revista acabava por retratar ora ou outra, o fato é que na Inglaterra de Thatcher estava mais fácil para os patrões (seja do setor público ou privado) demitir seus empregados. O historiador Thiago Romão de Alencar (ALENCAR, 2018) aponta que ao mesmo tempo em que os trabalhadores adquiriram o direito a formar e participar dos sindicatos, os patrões adquiriram o direito de demiti-los, e caso o fizessem, de não negociar com eles. Ou seja, eles podiam fazer as greves, mas estavam totalmente vulneráveis ao castigo da parte da burguesia.

A relação entre Reagan e Thatcher constitui um objeto para algumas publicações de *Veja*. A edição 690 de 1981 apresenta uma ação de iniciativa do governo Reagan para frear a produção de armas nucleares, em conjunto com a União Soviética. Thatcher é uma das lideranças que o orienta nesta ação. Várias outras edições trouxeram evidências das múltiplas e mútuas influências exercidas entre os dois governantes.

A relação de cumplicidade e mútua ajuda entre os governos de Ronald Reagan e Margareth Thatcher é retratada em muitas edições de *Veja*. Em algumas delas, como na edição 799 de 1983, os dois são representados juntos, como na imagem a seguir:



Figura 3: Revista *Veja* retrata Margareth Thatcher em um encontro com Ronald Reagan, sob a legenda: “Margaret Thatcher é o melhor homem da Inglaterra. Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos, comemorando a vitória britânica na guerra das Malvinas.” Edição 799, p. 8.

Nem tudo ia tão bem para o capital privado no início do governo da senhora Thatcher. Na edição 701, de 1982, a revista *Veja* anuncia a falência da empresa aérea Chartier. No texto está expresso que a empresa inglesa, que havia tornado mais barata a passagem aérea nas últimas décadas, havia falido. Antes de falir, ela pediu ajuda ao governo. Thatcher, contudo, considerou inoportuno e inapropriado ajudá-lo com dinheiro público. Desta forma pode-se notar que a austeridade de Thatcher era retratada também para com os grupos empresariais.

A revista *Veja* retrata Thatcher como uma mulher de planejamento. Segundo a edição 767 de 1983, a primeira ministra enviou um pedido ao Palácio de Buckingham para antecipar as eleições gerais (que aconteceriam somente em 1984), porque tinha um planejamento de longo prazo para o país. Seu pedido foi aprovado, e as eleições foram marcadas para o dia 9 de junho. *Veja* aponta que a seu favor na campanha estavam a vitória nas Malvinas e a inflação mais baixa em 19 anos. Contudo, aponta também que contra ela (a favor dos trabalhistas) estavam os 3,2 milhões de

desempregados. Mesmo assim, *Veja* afirma a reeleição dos conservadores, não apenas para o governo, mas também para o aumento do número de parlamentares do partido, que era apontada por todas as pesquisas de opinião. Será também a campanha eleitoral mais curta da história britânica até então: apenas 28 dias. Nesta campanha, Thatcher prezarà pela austeridade.

Na edição 771 de 1983, *Veja* anuncia a reeleição de Margareth Thatcher e do Partido Conservador para o governo inglês. Thatcher se tornou a primeira ministra mais votada em meio século. No parlamento, o partido conservador que já era maioria absoluta ganhou ainda mais cadeiras, o que permite a Thatcher um governo fluente. O líder da oposição, Michael Foot, caracterizou a reeleição como uma tragédia para o país. Contudo, nas palavras da revista, “tragédia foi o que aconteceu com os trabalhistas”. Eles diminuíram abruptamente no parlamento, e assistiram a ainda tímida ascensão do Partido Social Democrata, aliado aos liberais.

Contudo, na mesma edição, *Veja* argumenta que, com relação ao PIB, a Inglaterra estava mais pobre que em 1979. No entanto, o discurso de Thatcher nunca foi a geração de empregos ou o aumento da renda: “Ao contrário, sempre pregou precisamente o que fez, foi coerente como poucos governos conseguem ser e, sobretudo, obteve uma clara contrapartida para os sacrifícios – aliás, a exata contrapartida que se propusera a ter.”

Em defesa de Thatcher, a revista argumenta com a queda da inflação e a retomada do crescimento que estava em vista. Segundo *Veja*, a vitória de Thatcher é um exemplo de como um país com um governo que impõe sacrifícios pode dar maciça aprovação a este governo – “por sentir nele coerência de propósitos e realismo de ação”.

Para o periódico, o *Labour* (Partido Trabalhista), que havia levado a Inglaterra ao Estado de bem-estar social, estava feito em “uma caricatura de si mesmo”, pelas divergências internas entre esquerdistas e moderados. Mais ainda: a falência do *Labour* era a própria Thatcher, constituída um símbolo de resolução: “Em tempos normais, não haveria a possibilidade de ninguém se reeleger com o desemprego no nível em que está hoje”, comenta um ex-ministro conservador na edição, afirmando que a primeira ministra era a única capaz de certas façanhas políticas.

Ainda no anúncio de sua reeleição, a revista afirma que Thatcher é a personalidade política mais forte na Inglaterra desde Churchill. Thatcher se orgulha em seus pilares: a coragem, o trabalho e a família. Ela fez campanha defendendo a sua criação, na qual aprendeu a “bastar-se a si mesma”. E em abolir as “cadeias do Estado tirânico” na Inglaterra.

A revista ainda traz o pensamento do professor de política, Denis Kavanagh, para o qual “uma das grandes realizações dos últimos quatro anos foi a habilidade do governo Thatcher de baixar as expectativas sobre o que o governo é capaz de fazer”. A revista sugere que após nove anos da conservadora Thatcher, a Inglaterra estará mais profundamente mudada do que a França após sete anos do governo socialista de Mitterrand.

A edição 782 de 1983 foi uma das poucas que incluiu Thatcher em uma coluna de “Economia e Negócios” e também uma das poucas que relaciona governo inglês e governo brasileiro. O tema era a renegociação da dívida externa pelo Brasil. Os bancos ingleses, pela ordem de Thatcher, estavam “de olho”, ou seja, Thatcher estava exercendo certo controle sobre a política econômica brasileira, referente a um decreto de Figueiredo que achata a maioria dos salários dos brasileiros, que fora acertado com o FMI. Contudo, o cumprimento deste decreto só se dará com a aprovação da parte dos bancos ingleses. Na mesma coluna se encontrava esta imagem:



Figura 4: Revista Veja retrata Margareth Thatcher ao participar de decisões sobre a política salarial brasileira. Edição 782, p. 98. Esta foto de Thatcher é acompanhada da legenda: “Thatcher: de olho no salário”.

Ainda sobre a questão da dívida externa versa a edição 784 de 1983. Os banqueiros estavam solicitando ajuda aos governos dos países ricos onde estavam as sedes dos bancos para o pagamento das dívidas de alguns países latino-americanos devedores que quebraram. O governo inglês, principalmente, precisava renegociar a dívida com os bancos. Caso não fizesse, haveria uma grave crise financeira internacional. O presidente do Banco da Inglaterra estava tentando amenizar a dura posição de Thatcher em relação ao Brasil. Notícia também a edição 792 de 1983 que grandes empresários brasileiros se reuniram para criticar a insensibilidade política de Thatcher para com o Brasil. Segundo eles, ela não teria o direito de se intrometer em bancos privados ingleses.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa revela vários aspectos interessantes sobre o neoliberalismo, a revista *Veja* e a primeira ministra Margareth Thatcher do ponto de vista da História do Tempo Presente. Estes aspectos envolvem mudanças e permanências, bem como ausências e presenças.

É certo que Thatcher representava algo de muito diferente para a política inglesa: era a ruptura com o governo trabalhista que a antecedia, mas também uma ruptura com a velha maneira liberal de se fazer política, ainda assentada nas bases do Estado de bem-estar social. Para além disso, era a primeira mulher a chegar ao governo inglês pela força do voto.

O primeiro aspecto é acerca do “apoio” ou “credibilidade” concedida a Thatcher em seus primeiros anos. Percebe-se uma desconfiança muito grande da revista nos primeiros anos, havia a hipótese de que nada de “novo” surgiria com Thatcher, ou que ela não teria força pessoal e política para a implementação do neoliberalismo na Inglaterra, após o fracasso de um governo trabalhista. Contudo, após suas medidas antissindicalistas, suas políticas de extrema austeridade no aparelho estatal, e principalmente sua frieza e firmeza diante dos conflitos militares na Irlanda do Norte e nas Ilhas Malvinas, a revista passa a reconhecer sua eficiência pessoal e apostar na eficácia de seu programa de governo.

Vários traços de sua personalidade são inseridos nesta campanha publicitária promovida pelo periódico, dentre eles: a sua religiosidade puritana, centrada no

trabalho, virtude fundamental da sua vida; a sua forte ligação ao Partido Conservador em seu vestir, seu falar, seu agir; a sua forte crença no individualismo atrelada ao seu grande repúdio ao socialismo.

Outro aspecto é a permanência de um discurso de aversão ao trabalhismo, sindicalismo ou populismo por *Veja*. Embora a revista não tenha empreendido tão cedo uma campanha de aprovação à imagem de Thatcher, ela jamais, nas edições analisadas, aprovou as ações do Partido Trabalhista ou de qualquer movimento social trabalhista no Reino Unido ou no resto do mundo que viesse a se relacionar com Thatcher. Pelo contrário, sempre associou as greves e demais levantes da classe trabalhadora às crises sociais e econômicas e à ilegalidade

Uma das principais bandeiras do neoliberalismo, que também é levantada quando *Veja* representa o neoliberalismo inglês é o “Estado mínimo”. Para tanto, no contexto atual do sistema financeiro mundial que hegemoniza boa parte da economia dos países, o cientista político Felipe Maruf Quintas afirma que: “Os Estados são mínimos para o que foram constituídos: defesa, segurança e ações da cidadania (...). Para as finanças eles são máximos, postos chave para a desorganização coletiva no interesse da mercantilização de tudo.” O que se percebe na atuação política de Margareth Thatcher representada pela revista *Veja* é, de fato, um Estado que encontra no apoio ao livre mercado sua única razão de ser e agir.

Há ainda o questionamento: o que foi noticiado pela revista? *Veja* veiculou, de forma geral, atitudes pessoais de Thatcher. O que a revista buscou fazer chegar aos brasileiros foi um “tipo ideal” de governante, eficiente, perspicaz, austera e disciplinada. Seus gestos, palavras, posturas, comportamentos, um conjunto de traços de personalidade.

Acerca da política econômica, fala-se muito pouco. Em raros momentos menciona-se o índice crescente de desempregados, os impasses que envolvem as empresas estatais em processo de privatização, a violência social crescente e os desgostosos.

Portanto, é possível dizer que, à sua maneira, a revista *Veja* produziu com a representação da política inglesa Margareth Thatcher uma propaganda afirmativa do neoliberalismo, na qual foram enaltecidos não os resultados econômicos e sociais deste sistema político e econômico, mas, principalmente, seus resultados morais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Thiago Romão de. De joia da Coroa a inimigo número um: Hayek, Thatcher e a legislação antissindical no Reino Unido dos anos 1980. **Revista História e Luta de Classes**, São Paulo, ano 14, n. 26, p. 99-110, set. 2018.

HARVEY, D. **Neoliberalismo: história e implicações**. Tradução: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Ed. Loyola, 2008.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Tradução de Maria Lucia Cumo. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

MENGARDA, Alan Evaristo. BRANDÃO, Leonardo. **FERNANDO COLLOR: O CANDIDATO ESPORTISTA E AS ELEIÇÕES DE 1989**. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2015.

PADRÓS, Enrique Serra. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do tempo presente. *In: Anos 90*. Porto Alegre, v. 11, n.19/20, 2004.

PADRÓS, Enrique Serra. Capitalismo, prosperidade e Estado de bem-estar social. *In: REIS FILHO, Daniel A. et al. (orgs.). O século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

QUINTAS, Pedro Maruf. **Corona Bilderberg sim: uma guerra contra forças extra-humanas desafia as táticas e estratégias militares existentes**. Disponível em: <http://www.patrialatina.com.br/corona-bilderberg-sim-uma-guerra-contra-forcas-extra-humanas-desafia-as-taticas-e-estrategias-militares-existentes/>. Acesso em: 14 maio 2020.

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, 1968-. Edições 542 (1979) a 799 (1983). ISSN 0100-7122.

SEVCENKO, Nicolau; SOUZA, Laura de Mello e; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SILVA, Michel Honório da; BRANDÃO, Leonardo. A emergência do neoliberalismo no Brasil: um estudo sobre a revista *Veja* no contexto das eleições presidenciais de 1989. **Estudos em Comunicação**, [s.l.], n. 24, p.27-42, 31 maio 2017. Universidade da Beira Interior. <http://dx.doi.org/10.20287/ec.n24.a02>.

WEBER, Max. A política como vocação. *In*: WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Ed. Cultrix, 1993.

Recebido em: 28/07/2020

Aceito em: 28/10/2020